

O Capitalismo no Brasil

Para analisar em profundidade o desenvolvimento do capitalismo no Brasil é preciso, preliminarmente, situá-lo no processo histórico. E isso permite verificar, desde logo, que o regime capitalista surge e se desenvolve, aqui, cercado pelos dois lados: pelo lado externo, com a apropriação pelo imperialismo de grande parte da acumulação interna; pelo lado interno, com a mesma apropriação, agora da parte do latifúndio. São limitações que colocam o desenvolvimento capitalista brasileiro como que sob cerco, bloqueando-o. Permite verificar, além do mais, o problema da heterocronia: o desenvolvimento capitalista brasileiro é contemporâneo do declínio capitalista em escala mundial. Quando aquele atinge o nível em que define plenamente suas linhas, este atravessa a sua fase de crise geral. Os surtos capitalistas atrasados, isto é, os que se processaram mais tarde, no tempo — o da Alemanha, o do Japão —, guardam com os que iniciaram mais cedo uma relação de concorrência, por vezes belicosa; os que avançaram na fase de declínio do regime em escala mundial guardam com os que se iniciaram cedo uma relação de dependência. As contradições, num e noutro caso, são de ordem diferente: as primeiras, como se constata pela história contemporânea, desembocam nas guerras; as últimas, nos movimentos de libertação nacional, em que, no entanto, o regime é posto em causa, na sua essência.

As relações capitalistas aparecem em sua plenitude, em sua pureza, por assim dizer, com a indústria. E isso gera a confusão entre os dois processos, intimamente ligados: o da industrialização e o da acumulação capitalista. Aos observadores menos atentos ou compreensivos do caso brasileiro essa confusão leva à conclusão de que só existem, aqui, relações capitalistas a partir do momento em que a industrialização alcançou deter-